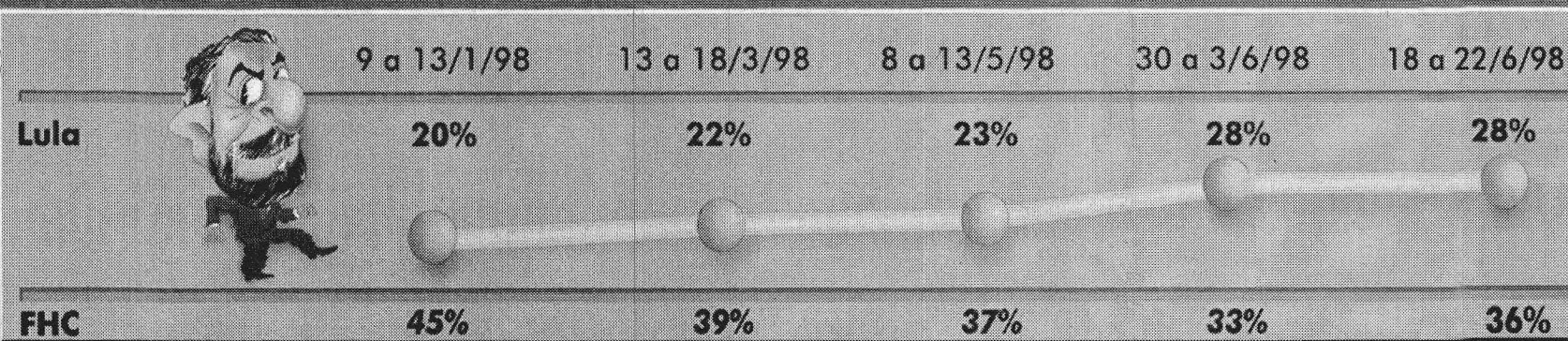


Eleição Presidencial

ELEIÇÕES 98

O MÁXIMO EM INFORMAÇÃO POLÍTICA

LULA NAS PESQUISAS



A PERFORMANCE DO CANDIDATO

Em 1989

Primeiro turno 11.620.168 votos 14,16%

Segundo turno 31.076.364 votos* 37,86%

Em 1994

Primeiro turno 17.126.291 votos 27,04%

Editoria de Arte

À espera do programa

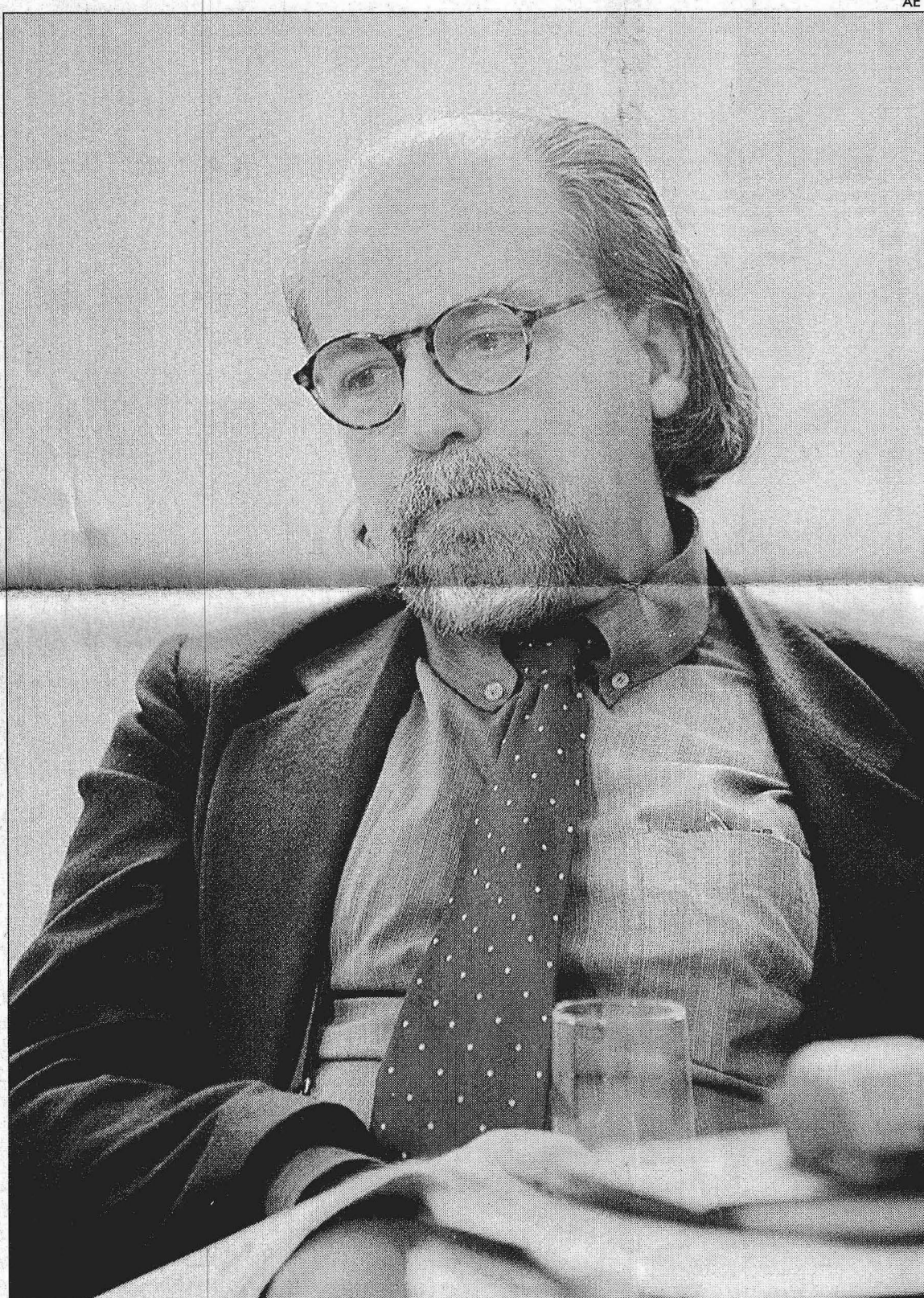
Eleitores e o próprio mercado aguardam com expectativa as propostas do PT para a área econômica

O programa de governo do PT - cujas linhas básicas serão anunciadas hoje em Brasília - está sendo aguardado com grande expectativa porque pode ajudar Lula a atrair os indecisos e garantir-lhe uma boa performance. Mas pode fazer também o papel inverso, assustando a classe média e os segmentos empresariais menos conservadores, que admitem a possibilidade da eleição do petista sem traumas.

O maior dilema da equipe que elabora o programa de governo, no qual se baseará a plataforma do campanha, é equilibrar as prioridades sociais da esquerda com o controle de gastos públicos e explicitar melhor a questão da estabilidade da moeda. Nesses temas, até agora, a cúpula oposicionista tem escorregado feio, irritando parlamentares de todos os partidos da frente e, por outro lado, fazendo a alegria do arraial tucano.

A carta-compromisso - intitulada "Um Brasil para os brasileiros" - em que se baseará o programa comum dos quatro partidos da frente foi sendo redigida, em segredo mantido a sete chaves, pelo economista Marco Aurélio Garcia, o principal pensador do partido e que recebeu de Lula a missão nada fácil de homogeneizar as propostas do PT, PCdoB, PSB, PDT e ainda agradar siglas menores. O programa completo só será anunciado depois da Copa do Mundo. O desafio é ainda maior, porque além disso é necessário dar consistência e coerência ao programa de governo junto aos formadores de opinião, sem esquecer de que os empresários mais liberais só abrirão suas bolsas se não enxergarem ameaças aos seus negócios camufladas na proposta administrativa de Lula e de Brizola.

O staff da esquerda, porém, envolve uma equipe maior, de políticos e técnicos que inclui, além do candidato Lula, o presidente do PT, José Dirceu e o coordenador da campanha, deputado Luiz Gushiken (SP). Cristovam Buarque, governador do DF, é o principal palpíteiro em política social - usando sua bem-sucedida experiência em Brasília - e o assessor Guido Mantega nas questões econômicas.



MARCO AURÉLIO GARCIA é o principal formulador das propostas econômicas do PT

A carta-compromisso tem ainda que responder às críticas que são feitas à oposição pelo candidato tucano, Fernando Henrique Cardoso, de não ter propostas concretas, ou de conter incoerências no programa de governo, como acusou recentemente o ex-ministro Máílson da

Nóbrega. Terá de dizer, por exemplo, onde é que o governo petista iria buscar o dinheiro necessário para custear os programas sociais, sem no entanto aumentar os impostos, o que prejudicaria a atividade econômica e espantaria os voláteis capitais externos.

Excluídos

A questão da estabilidade da moeda, por exemplo, é a que mais danos tem causado, porque Lula ainda não tem um discurso consistente para o tema. E a quase totalidade da população não aceita que se toque na política de estabilidade do real, qual-

quer que seja o preço, com medo da renitente inflação que assolou o País por quase 25 anos.

Na esquerda, há hoje duas correntes majoritárias sobre a questão do plano real. As tendências radicais exigem um discurso que dê prioridade total à política social, mesmo que isso venha a afetar o fechamento das contas públicas e a estabilidade do plano econômico. A chamada esquerda petista acredita que essa guinada vai atrair os excluídos, os milhões de desempregados, mesmo sabendo, no anverso, que aumentará a rejeição de Lula, afastando ainda mais o empresariado e empurrando as classes conservadoras para o candidato adversário. Eles querem debater questões como o câmbio (desvalorização do real frente ao dólar) e questionam as privatizações.

Empregos

Os moderados, por sua vez, preferem dourar a pílula: prioridade social, sim, mas sem tocar na estabilidade. "Vamos fazer a reforma social no Pós-Real", disse, de Fortaleza, o deputado José Genoíno (PT-SP). Há quem defenda que Lula diga nos comícios e no programa eleitoral que a estabilidade é intocável, mas que é preciso usar a força do real para gerar empregos, o carro-chefe da campanha do PT, com críticas, por exemplo, contra os juros altos. "A esquerda não deve entrar no debate sobre câmbio e privatizações, mas deve propor a estabilidade social, com emprego, com mais acesso à saúde e à educação", exemplifica o parlamentar, um dos porta-vozes desse segmento no PT.

Além de se definir melhor sobre a estabilidade do real, a esquerda também precisa explicar o que pensa realmente sobre a privatização das estatais. Lula e Brizola já fizeram uma grande concessão ao admitirem a venda das estatais. Mas toda vez que ameaçam auditar a venda da Vale do Rio Doce e da Telebrás acendem as suspeitas de não estarem sendo sinceros. E isso assusta investidores externos, os empresários locais, além de dar muita munição (e contribuições) de campanha para Fernando Henrique Cardoso.

SÓCRATES ARANTES
Repórter do Jornal de Brasília